

(RE)VISITANDO CONCEITOS DE HIPERTEXTO: UMA ANÁLISE DE TEXTOS DIGITAIS¹

Ana Claudia Oliveira Azevedo (UESB)
98anaclaudia@gmail.com
Filipe Santos Guerra (UESB)
filipe.guerra16@gmail.com
Márcia Helena de Melo Pereira (UESB)
marciahelenad@yahoo.com.br

RESUMO

Desde a popularização da *Internet* e, conseqüentemente, devido aos incrementos que as tecnologias de informação e comunicação sofreram com o desenvolvimento do ciberespaço, a Linguística tem buscado explicar os fenômenos de linguagem que ocorrem em ambiente digital. Assim surgiu o conceito de hipertexto, utilizado por alguns linguistas brasileiros para designar o texto *on-line*. Xavier (2015), ao definir o hipertexto como um novo modo de enunciação, caracteriza-o com base em cinco aspectos, quais sejam: 1) imaterialidade/virtualidade; 2) ubiquidade; 3) convergência de linguagens; 4) não-linearidade; e 5) intertextualidade infinita. Por outro lado, algumas pesquisas têm apontado para uma continuidade do texto digital em relação ao texto impresso, o que torna (quase) prescindível a sua caracterização particular. Diante disso, o objetivo deste trabalho é (re)discutir o(s) conceito(s) de hipertexto, a fim de analisar a aplicabilidade das categorias supracitadas na caracterização desse objeto. Para isso, foram utilizadas, como referencial teórico-metodológico basilar desta investigação, as assertivas de Coscarelli (2006; 2009), Koch (2003), Marcuschi (1999, 2010), Ribeiro (2006, 2018) e Xavier (2002; 2010; 2015). No que se refere ao corpus desta análise, foram selecionados um exemplar de *tweet*, retirado da rede social *Twitter*, e um exemplar de *post* de *Facebook*, ambos salvos por meio do recurso de captura de tela. A observação dos dados, em consonância com diferentes discussões teóricas acerca do hipertexto, mostrou que o conceito em questão é, de fato, uma continuidade da noção de texto impresso; no entanto, há determinados fatores que o particularizam, o que torna necessária sua caracterização específica.

Palavras-chave:

Hipertexto. *Tweet*. *Post* de *Facebook*.

ABSTRACT

Since internet popularization and, consequently, due to the changes suffered by the information and communication technologies, Linguistics has sought to explain

¹ Agradecemos à FAPESB pelo financiamento da pesquisa, que ocorreu por meio de bolsa de fomento à pesquisadora. O conteúdo deste trabalho é produto do amparo dessa Instituição.

the language phenomena that occur in the digital environment. That aroused the concept of hypertext, used by some Brazilian linguists to designate the online text. Xavier (2015) defines hypertext as a new mode of enunciation and characterizes it based on five aspects: 1) immateriality/virtuality; 2) ubiquity; 3) convergence of languages; 4) non-linearity; and 5) infinite intertextuality. On the other hand, some research has pointed to a continuity of the digital text compared with the printed text, which makes its particularization (almost) dispensable. Therefore, the objective of this work is to (re)discuss the concept(s) of hypertext, in order to analyze the applicability of the categories commonly used in the characterization of this object. For this purpose, we based on the theoretical-methodological framework presented by Coscarelli (2006; 2009), Koch (2003), Marcuschi (1999, 2010), Ribeiro (2006, 2018), and Xavier (2002; 2010; 2015). Concerning the corpus of this analysis, we selected a tweet, from the social network Twitter, and a Facebook post. Both hypertexts were saved via screenshot. In line with different theoretical discussions about hypertext, the data showed that this concept is, in fact, a continuity of the notion of printed text. However, certain factors specify the hypertext, which make its specific characterization necessary.

Keywords:

Hypertext. Tweet. Facebook post.

1. Introdução

A partir dos anos 1990, com a chegada dos computadores e da internet às residências e instituições brasileiras, os estudos da área de Linguagens passaram a direcionar seu foco a um novo objeto de pesquisa: o hipertexto², rótulo dado por diversos pesquisadores ao chamado texto digital. Considerando que os desenvolvimentos tecnológicos causaram mudanças no uso da linguagem, as discussões acerca do hipertexto destacavam supostas inovações apresentadas por ele, tais como a não linearidade, a multissemiose e o uso de *links* em sua construção. Com o advento da *web* 2.0, caracterizada pela produção de textos digitais pelos próprios usuários – em *sites*/aplicativos de redes sociais, por exemplo –, a necessidade dessas investigações tornou-se ainda mais evidente.

À vista disso, nosso objetivo, neste artigo, é (re)discutir o(s) conceito(s) de hipertexto propostos por pesquisadores brasileiros, a fim de analisar a aplicabilidade das categorias comumente utilizadas para a caracterização desse objeto. Para tanto, adotamos, como *corpus* de observação, um exemplar de *tweet* e um exemplar de *post* de *Facebook*.

² Ao longo deste artigo, usamos o termo “hipertexto” para fazer referência ao hipertexto eletrônico/digital/on-line.

Este texto está dividido em 4 seções. Na seção 1, introdução, apresentamos brevemente nosso objeto de discussão – o hipertexto –; ao passo que, na seção 2, exibimos três diferentes concepções adotadas por pesquisadores brasileiros acerca desse conceito. Essas perspectivas são acionadas na análise do *tweet* e do *post* de *Facebook* realizada na seção 3. Por fim, apresentamos, na seção 4, as conclusões a que chegamos após análise e reflexão a respeito dos textos digitais.

2. As diferentes concepções de hipertexto

Na presente seção, discutimos três diferentes concepções de hipertexto, cuja síntese é apresentada na imagem abaixo. Essas três perspectivas encontram-se em um contínuo no qual o hipertexto é considerado como um elemento mais ou menos próximo do texto impresso.



Fonte: Elaboração própria.

Como mostra a figura 1, acima, Coscarelli (2006; 2008) e Ribeiro (2006, 2018) consideram o hipertexto como uma continuidade do texto impresso ou manuscrito, o que torna quase que desnecessária a sua particularização. Por outro lado, Xavier (2002; 2010; 2015), localizado na outra ponta do contínuo, vê o hipertexto como uma grande ruptura, que representa um novo modo de enunciação. Koch (2003) e Marcuschi (1999; 2010), por sua vez, estão em uma posição intermediária, visto que reconhecem a continuidade do hipertexto em relação ao texto impresso, mas, mesmo assim, ressaltam as suas particularidades enquanto um novo modo de textualização.

Nas próximas seções, discutimos cada uma dessas concepções separadamente, da direita para a esquerda. Ou seja, apresentamos, primeiramente, a perspectiva de Xavier; depois, de Koch e Marcuschi; e, por fim, de Coscarelli e Ribeiro.

2.1. O hipertexto como ruptura em relação ao texto impresso: um novo modo de enunciação

Nesta seção, discutimos a perspectiva de Antonio Carlos Xavier (2002; 2010; 2015) acerca do hipertexto, ressaltando que o pesquisador é pioneiro no Brasil a estudar os textos digitais.

De acordo com o teórico, a engenhosidade do ser humano cria, o tempo todo, novas tecnologias intelectuais, as quais geram heterogêneas práticas sociais, políticas e culturais institucionalizadas, historicamente, por meio da linguagem. Produto disso, segundo o referido autor, é a nova tecnologia de linguagem que assimila sentidos não somente fazendo uso de palavras, mas também de diversos elementos, que, em harmonia perfeita com elas, compõem um todo significativo e conferem, de modo plurifacetado, sentidos aos seus usuários.

Para Xavier (2010, p. 208), o *hipertexto* – “(...) uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade” – modificou substancialmente os modos de acessar informações e entrecruzá-las. Na visão do linguista, essa é uma tecnologia que firma o elo entre todas as diferentes semioses, que são denominadas por ele como “modos de enunciação” – verbal (oral e/ou escrito), visual (estático e/ou dinâmico), sonoro (natural e/ou artificial) –, sendo todos mobilizados de forma simultânea. Assim, a mistura desses modos enunciativos já conhecidos cria, consoante Xavier (2002), um modo de enunciação inédito, chamado por ele de “modo de enunciação digital”.

Cabe salientar, ainda, que Xavier (2010, p. 208) traz à tona a discussão sobre a *tecnocracia*, caracterizando-a como

[...] uma nova ordem mundial que se vislumbra inevitável anunciando a hegemonia da globalização nas relações econômicas, do neoliberalismo como ideologia política e da informática digital no domínio tecnológico.

Nessa conjuntura, o hipertexto, pela sua dinamicidade, é o formato que recebe maior destaque, fator preponderante em um mundo globalizado. Para além dessa dinamicidade (e de outras características gerais, citadas anteriormente), o teórico elenca cinco traços específicos que são, segundo ele, indispensáveis ao hipertexto: 1) imaterialidade/virtualidade; 2) ubiquidade; 3) convergência de linguagens; 4) não linearidade e 5) intertextualidade infinita.

Figura 2: Características do hipertexto, segundo Xavier (2015).



Fonte: Elaboração própria, com base em Xavier (2015).

Para Xavier (2015), relacionar-se visualmente com um hipertexto e gerar *links* para outro(s) hipertexto(s), por exemplo, são algumas possibilidades de entrosamento de um sujeito com uma página da *web*, mas isso tudo só é realizável virtualmente. Não é possível folhear um hipertexto, dado que, uma vez impresso, ele perde a essência virtual que o torna único. Sendo assim, o linguista caracteriza o hipertexto com base na *imaterialidade/virtualidade*.

No que diz respeito à *ubiquidade*, Xavier (2015) destaca que o hipertexto – utilizando todo o potencial de sua característica imaterial/virtual –, uma vez anexado à *internet*, se torna transitável na *tela* de vários usuários, em diferentes partes do globo, tudo isso de modo simultâneo. Essa “onipresença” gera uma multiplicação de uma mesma página *web*, ampliando imensamente o acesso a diversos conteúdos.

Em relação à *convergência de linguagens*, na visão de Xavier (2015), o hipertexto abarca todos os modos de enunciação conhecidos até hoje e aplica, de modo equipolente, na tela digital, todos eles, os quais manipulam a composição do(s) sentido(s) de dados (hiper)textualizados. Os modos de enunciação coocorrem, ao mesmo tempo, sem que se oponham. Essa convergência de modos de enunciar cria, para o autor, um modo de dizer inédito, que se aproveita do melhor dos mundos *sígnicos* para se efetivar.

Além dessas características, Xavier (2015) pontua que a descontinuidade é uma das maneiras por meio das quais o (hiper)leitor avalia que sua (hiper)leitura pode ser coerente. Sobretudo no caso do hipertexto, seu autor pode produzi-lo já com o objetivo de que o hiperleitor o consuma de forma não linear. Assim, a *não linearidade* planejada e induzida pelo

produtor do hipertexto é, para o linguista, uma especificidade que o diferencia de textos impressos e transforma a sua leitura em uma coautoria.

Segundo Xavier (2015), uma característica do texto impresso que foi impulsionada no hipertexto é a instituição de inter-relações entre os textos. Para ele, aludir (implícita ou explicitamente) a outros textos faz com que as ideias sistematizadas em (hiper)textos sejam racionais e autênticas, dando suporte infinito à cadeia de dizeres dialogada entre eles. Pensando no hipertexto como um texto que se amplia velozmente e é incorporado a servidores que viabilizam o acesso às páginas que hospedam, o autor afirma que o fenômeno da intertextualidade alcança o seu esplendor, o que faz com que ele elenque a *intertextualidade infinita* como uma das características do hipertexto.

Diante dessas colocações, Xavier (2010, p. 218) considera que o hipertexto causa o fim dos direitos autorais, pois “uma vez na rede, as ideias passam a pertencer a todos os usuários e a nenhum deles”. Além disso, segundo o linguista, esse novo modo de enunciação apresenta um risco de “afogamento” do leitor, devido ao excesso de informações proporcionado pelos múltiplos caminhos e pelas múltiplas semioses que integram o hipertexto. Assim, o autor salienta a grande novidade trazida pelo texto eletrônico no que diz respeito às relações autor-texto/discurso-leitor e ao modo de enunciar.

2.2. O hipertexto como um novo modo de textualização

Outros linguistas, dentre os quais destacamos Koch (2003) e Marcuschi (1999, 2010), diferentemente de Xavier (2002, 2010, 2015), reconhecem certa continuidade do hipertexto em relação ao texto escrito. Nesse sentido, Koch (2003, p. 61) assinala que “(...) do ponto de vista da recepção (...) todo texto é um hipertexto”, uma vez que qualquer texto pode apresentar diferentes caminhos de leitura e recursos como notas de rodapé e referências, que funcionam como *links*, pois direcionam os leitores para outras partes do texto ou para outros textos.

Apesar dessa semelhança, Koch (2003) reconhece que o suporte e o rápido acesso ao hipertexto o particularizam em relação ao texto impresso ou manuscrito. Assim, a autora compreende que a tecnologia responsável pelo surgimento do hipertexto lhe impõe determinadas especificidades, posição que também é adotada por Marcuschi (1999; 2010). De acordo com o linguista, “a novidade está na tecnologia que permite

uma nova forma de textualidade” (MARCUSCHI, 1999, p. 1), que integra notas, citações, bibliografias, referências, imagens, fotos, entre outros elementos constituintes dos textos clássicos.

Diante disso, Marcuschi (2010, p. 31) define hipertexto como um “(...) modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros³ dando-lhes neste caso algumas propriedades específicas”, que vão além dos limites das modalidades oral e escrita. Ambos os linguistas consideram que os fatores de textualidade⁴ do texto impresso também se apresentam no hipertexto; porém, para eles, isso ocorre de modo específico, considerando a apresentação virtual e plurilinear do texto da internet.

De acordo com Marcuschi (1999) e Koch (2003) os hipertextos são caracterizados pelos seguintes aspectos: 1) não linearidade; 2) volatilidade; 3) espacialidade topográfica/topografia; 4) fragmentariedade; 5) multissêmico; 6) interatividade e 7) iteratividade. Além disso, Koch (2003) cita a descentração, ao passo que Marcuschi (1999) menciona a acessibilidade limitada. Devido à limitação de espaço deste trabalho, não nos aprofundaremos em cada um desses aspectos, mas discorreremos, a seguir, sobre os fatores que recebem maior destaque nas discussões nos linguistas.

Para Koch (2003), uma das principais inovações do texto eletrônico seriam os *hiperlinks*, que podem ser fixos ou móveis e exercer diversas funções, dentre as quais a autora destaca as dêiticas (que sugere caminhos ao leitor ao apontar para um lugar no espaço digital, cataforicamente), coesiva (que ata os hiperlinks conforme certa ordem discursiva e semântica) e cognitiva (quando os hiperlinks encapsulam cargas de sentido e geram no leitor o desejo de seguir determinados caminhos). Diante disso, a linguista ressalta a necessidade de uma construção estratégica de *hiperlinks*, visto que a multiplicidade de caminhos oferecidos no hipertexto requer um papel mais ativo por parte do seu leitor.

³ Em nossas pesquisas de Mestrado, analisamos especificamente os gêneros *tweet* e *post* de *Facebook*.

⁴ Os critérios de textualidade foram elencados porBeaugrande e Dressler, segundo os quais uma construção linguística precisa apresentar as seguintes propriedades para ser reconhecida como um texto, isto é, como um todo significativo: coesão, coerência, situacionalidade, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade e intertextualidade (MARCUSCHI, 2008).

Desse modo, Koch (2003, p. 70) considera que “(...) jamais haverá leituras exatamente iguais (...)”, devido ao fato de cada leitor escolher os caminhos que serão seguidos na leitura do hipertexto, pois “(...) o hipertexto não tem uma única ordem de ser lido. A leitura pode dar-se em muitas ordens” (MARCUSCHI, 1999, p. 1). Nesse sentido, Koch (2003) ressalta que o hiperleitor pode sofrer, ainda, de um stress cognitivo, diante das múltiplas possibilidades de escolha durante a sua navegação.

Tais pressupostos fazem com que Koch (2003) e Marcuschi (1999, 2010) considerem a “leitura única” do hipertexto como uma coautoria, de modo que a construção da coerência se torna algo particular, tendo em vista que “o leitor determina não só a ordem da leitura, mas o conteúdo a ser lido” (MARCUSCHI, 1999, p. 4). Ou seja, a versão final do hipertexto dependeria das escolhas feitas por cada leitor. Koch (2003) comenta, ainda, que, no hipertexto, não há limitação do interlocutor, que pode ser qualquer pessoa conectada à rede.

Assim, compreendemos que, para Koch (2003) e Marcuschi (1999, 2010), o hipertexto representa uma nova forma de textualização, caracterizada, dentre outros aspectos, pela virtualidade, plurinearidade, presença de *hiperlinks* e coautoria durante a leitura.

2.3. O hipertexto como continuidade do texto impresso

A terceira perspectiva que apresentamos acerca do hipertexto é adotada por Carla Coscarelli (2006; 2008) e Ana Elisa Ribeiro (2006, 2018), segundo as quais o hipertexto seria muito próximo aos textos impressos e manuscritos, não representando, portanto, uma grande novidade na linguagem. Para elas, diversos rótulos comumente atribuídos ao texto da internet não são uma inovação, como alguns autores defendem.

De acordo com Coscarelli (2006), a não linearidade não é uma característica exclusiva do hipertexto, uma vez que textos impressos não são lineares, assim como as suas leituras. A autora afirma que “não podemos acreditar na linearidade de um texto apenas porque as palavras se apresentam no papel uma após a outra” (COSCARELLI, 2006, p. 2), tendo em vista que os textos apresentam marcas tipográficas – como tamanhos e cores de fontes –, além de títulos, subtítulos e outros elementos responsáveis por determinar a hierarquia de partes do texto em relação a outras.

Nesse sentido, Ribeiro (2006, p. 23) salienta que “não há, de fato, novidade absoluta no aparecimento do texto suportado pelo computador. A novidade está no próprio suporte e na velocidade com que os nós são acessados nos hipertextos digitais”. Com isso, compreendemos que a diferença dos hipertextos em relação aos textos impressos, para essas autoras, seria o formato, consequência do suporte digital, e a velocidade de acesso. Fundamentada nesses pressupostos, Ribeiro (2018) situa a cultura digital (ou cibercultura) como parte da cultura escrita, da qual também faria parte a cultura impressa.

Outra característica atribuída ao hipertexto por alguns autores é a multiplicidade de linguagens – palavras, imagens estáticas, imagens em movimento, sons – que integra os textos da internet. Entretanto, segundo Coscarelli (2009),

Precisamos lembrar que a multimodalidade é, há muitos anos, parte de nossos textos, como no cinema, nas revisas, jornais, cartazes, convites, cartões, livros ilustrados, entre outros. (COSCARELLI, 2009, p. 552-3)

Ou seja, a multimodalidade⁵ também não é uma novidade dos textos em ambiente digital. Coscarelli (2009) pondera, porém, que uma possível diferença seja a maior facilidade para a produção de textos multimodais na internet, o que não implica uma ruptura com os textos existentes antes da popularização da *web*.

Em relação à não linearidade da leitura, Coscarelli (2006, p. 8) destaca que “linkamos o tempo todo”, visto que, durante o processo de leitura, realizamos diversas conexões. Nesse sentido, é importante destacar que, para Coscarelli (2006; 2009), os *links* presentes em ambiente digital são uma representação do que fazemos durante a leitura. Nessa mesma perspectiva, Ribeiro (2006) defende que toda leitura é hipertextual. Para a autora,

[...] a leitura não só acontece de maneira hipertextual, seja o texto (produto) como for e onde estiver, como também o leitor reconfigura seus conhecimentos sobre o texto, os suportes e a tecnologia de ler à medida que aprende um novo gesto de leitura. (RIBEIRO, 2006, p. 17)

⁵ Segundo Ribeiro (2018), há uma tendência para se considerar palavra e imagem como linguagens diferentes, de modo que esta é equivocadamente excluída da concepção de texto. Para a autora, todo texto é multimodal; portanto, sempre se deve considerar a integração entre diferentes linguagens para sua leitura.

Portanto, compreendemos que, segundo essas autoras, não há diferenças significativas entre o processo de leitura de um hipertexto e de um texto impresso, pois os processamentos, em qualquer texto, “(...) dependem da atividade do leitor, que jamais terá, em qualquer situação, um corpo de texto íntegro, em *open field* diante de si” (RIBEIRO, 2006, p. 28). Diante disso, é válido ressaltar, ainda, que, para Coscarelli (2006), a leitura do hipertexto não seria tão imprevisível como certos pesquisadores defendem.

Coscarelli (2006) defende, também, que a interferência do leitor no hipertexto, além de acontecer de modo semelhante ao texto impresso (no qual são feitos comentários e notas), ocorre de maneira limitada. Assim, Coscarelli (2006; 2009) e Ribeiro (2006; 2018) vão de encontro a perspectivas que consideram o chamado *hiperleitor* como uma espécie de coautor:

Para nós é evidente que o leitor não lê o texto isolado de seu suporte ou da história progressiva de leituras que cada um acumula, não de forma estanque, frise-se, mas de forma reconfigurante e ativa. Certamente, a informática não fez surgir, do nada, um leitor ativo e incisivo. Esse leitor, mesmo que quieto e em silêncio, já operava complexa e ativamente. (RIBEIRO, 2006, p. 25)

Nessa perspectiva, de acordo com Ribeiro (2006) e Coscarelli (2009), o leitor de hipertextos amplia suas habilidades de leitura para dar conta de um produto que ocorre em um novo suporte. Portanto, não se trata da criação de habilidades novas e inovadoras, e sim de uma reconfiguração de “(...) seus gestos, seus modos de busca, suas reações ao suporte, suas expectativas (...)” (RIBEIRO, 2006, p. 28), o que, segundo Coscarelli (2009), gera uma compreensão semelhante à de textos impressos.

Assim, para essas autoras, o hipertexto não seria necessariamente responsável por proporcionar um maior grau de envolvimento do leitor, uma vez que isso depende “(...) dos seus objetivos de leitura, da sua capacidade de lidar com aquele gênero textual e com o nível de profundidade com que o assunto é tratado bem como com a linguagem usada no texto(muito técnica, para leigos, etc.)” (COSCARELLI, 2006, p. 13), e não do ambiente em que o (hiper)texto é produzido e veiculado.

Além disso, Coscarelli (2006) chama atenção para o fato de que toda leitura é única, discordando de que a construção particular da coerência seja uma característica restrita ao hipertexto, como defendem

alguns autores, a exemplo de Xavier (2010), cuja perspectiva foi abordada na seção 2.1.

Ribeiro (2006, p. 29) salienta que textos impressos e hipertextos “(...) serão diferentes se considerados como produtos, especialmente a depender de que critérios os definem”. Com isso, é feita uma distinção entre o processo de leitura e o produto em si, que, como já mostramos acima, é considerado diferente devido ao seu suporte.

Em suma, Coscarelli (2006, 2009) e Ribeiro (2006, 2018) propõem uma visão do hipertexto como continuidade do texto impresso, destacando que suas particularidades – enquanto produto – teriam relação com as situações de produção e com o suporte de escrita, mas que não haveria um novo modo de textualidade, tampouco um novo modo de enunciação.

3. *Analizando textos digitais*

Nesta seção, apresentamos uma análise de dois (hiper)textos publicados em ambiente digital: um *tweet* do perfil @historiadigital e um *post* de *Facebook* da página Quebrando o Tabu. Os textos que integram esse *corpus* fazem parte dos bancos de dados das pesquisas de Mestrado dos primeiros autores deste artigo e ambos foram salvos por meio do recurso de captura de tela do *Windows 10*. Para efetivar a análise, baseamo-nos nas características propostas por Xavier (2015) para definir um hipertexto e diferenciá-lo de um texto impresso ou manuscrito, verificando a (não) aplicabilidade delas.

Isso posto, vejamos nossa primeira figura, a qual registra um *tweet* publicado em um perfil didático que aborda temas históricos:

Figura 3: *Tweet* do perfil @historiadigital.



Fonte: *Twitter*⁶.

Em linhas gerais, ao observarmos a figura 3, podemos notar que estamos diante de uma enquete: a pessoa responsável por administrar/moderar do perfil @historiadigital questiona aos seus seguidores (e a todos que, de alguma forma, terão algum contato com esse *tweet*) se eles concordam com a afirmação de que os bandeirantes brasileiros foram genocidas, feita por Nabil Bonduki.

A estrutura do gênero discursivo enquete é evidenciada não só pela pergunta – marcada pelo sinal de interrogação –, mas também pela votação que estava ocorrendo no *tweet* em questão, como mostra o gráfico gerado pela própria interface digital *Twitter*, sobre o qual trataremos posteriormente.

A segunda figura analisada, por sua vez, registra um *post* de *Facebook* produzido pela página Quebrando o Tabu, empresa de notícias/mídia que possui como objetivo tornar o mundo “mais bem informado e menos careta”.

Vejamos a publicação:

⁶ Disponível em: <https://twitter.com/historiadigital/status/1298690967021723649>. Acesso em: 29 ago. 2020.

Figura 4: *Post* de *Facebook* da página Quebrando o Tabu.



Fonte: *Facebook*⁷.

Aqui, vemos uma postagem que retrata o fato de que muitas pessoas da comunidade LGBTQIA+, por vários motivos, não conseguem explorar plenamente a sua diversidade sexual/de gênero e, por causa disso, acabam “escondendo” quem são de verdade. A página em questão objetiva, com esse *post*, salientar que não há problema em não “se assumir” caso a pessoa não esteja pronta para isso, assim como faz uma crítica ao fato de que a orientação sexual e a identidade de gênero de um indivíduo não deveriam ser “um evento, uma confissão, um medo, um peso”, haja vista que isso só representa quem ele é.

Apresentados os dois (hiper)textos, partimos, agora, para as características que os diferenciam/assemelham do/ao texto não digital. Primeiramente, ao pensarmos na *imaterialidade/virtualidade* – que se refere ao fato de o hipertexto precisar de um aparelho digital para existir – dessas produções, percebemos que ambas contam com vários recursos inexistentes em textos impressos, como: 1) os *links* para os perfis que publicaram o conteúdo; 2) a possibilidade de curtir/reagir às publicações; 3) as caixas de respostas/comentários, que proporcionam uma interação instantânea entre autor e leitor; 4) os links para o compartilhamento do *tweet* e do *post* de *Facebook*; e 5) os recursos de cada *website* para salvar as publicações. Além disso, especificamente no *tweet*, exposto na figura 3, outro recurso se destaca: a possibilidade de criar enquetes com alternativas clicáveis/tocáveis. Assim, basta que o usuário escolha a sua opção preferida para que os resultados apareçam instantaneamente depois dessa votação. A interface digital, de modo automático, calcula a porcentagem que cada alternativa recebeu e, conseqüentemente, colore a vencedora e

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/4585118468211171>. Acesso em: 9 set. 2020.

a(s) perdedora(s) de azul e cinza, respectivamente. Tendo em vista o exposto neste parágrafo, vemos que, se essas publicações fossem impressas, nenhum dos recursos citados estaria disponível, o que ratifica a *imaterialidade/virtualidade* como uma característica exclusiva de textos digitais.

Em segundo lugar, ao considerarmos a *ubiquidade* – que diz respeito ao fato de as páginas da *web* contarem com a possibilidade de serem acessadas simultaneamente por vários dispositivos ao redor do mundo – nas publicações em questão, podemos verificá-la por meio de dois pontos principais, quais sejam: 1) qualquer sujeito que tenha posse, de algum modo, do *link* dessas postagens (e esteja conectado a uma rede de *Internet*) – além dos indivíduos que não possuem o *link*, mas que acompanham os perfis que fizeram as publicações – terão acesso a ela, ao mesmo tempo, em qualquer parte do globo; e 2) as ferramentas presentes tanto no *tweet* quanto no *post* de *Facebook* para que o usuário se engaje com eles e, a partir disso, expresse seus juízos de valor sobre os conteúdos tratados em ambos, conferem às postagens a possibilidade de se fazerem onipresentes, haja vista que diversas pessoas podem interagir com elas de diferentes formas, em diferentes lugares, tudo isso simultaneamente. Isso posto, notamos que o *post* de *Facebook* não reclama de seus usuários que eles estejam presentes no mesmo espaço e no mesmo tempo para o acessarem. Isso ratifica que o segundo aspectopostulado por Xavier (2015) para caracterizar o hipertexto – a *ubiquidade* – se confirma em textos digitais disponibilizados em ambientes virtuais.

Em terceiro lugar, ao analisarmos a *convergência de linguagens* – que consiste na ocorrência paralela e síncrona de múltiplas semioses em uma mesma produção comunicativa – nas publicações supracitadas, notamos que ela se mostra mediante alguns pontos, dentre os quais destacamos os seguintes: 1) tanto no *tweet* quanto no *post* de *Facebook*, encontramos enunciados verbais que norteiam a exposição dos assuntos retratados em cada um deles; 2) especificamente no *post* de *Facebook*, encontramos a figura de uma tartaruga, pigmentada com as cores do arco-íris, escondida dentro de seu casco. Seus olhos semicerrados e lacrimejantes demonstram medo e preocupação; e 3) nas duas publicações, as cores têm grandes participações na produção de sentidos, haja vista que, no *tweet*, o azul serve para marcar a alternativa vencedora da enquete, enquanto o cinza assinala a alternativa perdedora. Já no *post* de *Facebook*, as cores do arco-íris salientam a temática geral da publicação: a diversidade sexual e de gênero. Desse modo, percebemos que o *tweet* e o

post de *Facebook* se valem de mais de uma modalidade de linguagem, ou, trocando em miúdos, de mais de uma semiose em sua constituição. No entanto, ao contrário do que constatamos até aqui com a análise desse *corpus*, não podemos confirmar a *convergência de linguagens* como uma categoria própria do hipertexto, haja vista que a multimodalidade pode ser encontrada em inúmeros textos não digitais, como destacam Coscarelli (2006; 2009) e Ribeiro (2006; 2018).

Em quarto lugar, ao refletirmos sobre uma possível *não-linearidade* – inexistência de um centro principal de leitura – no *corpus* selecionado para análise, destacamos que esta se mostra nos textos digitais em questão pelo fato de a leitura dessas materialidades linguísticas poder ser realizada a partir de vários pontos, dentre os quais salientamos os seguintes: 1) os enunciados verbais; 2) os enunciados visuais; 3) os comentários presentes em ambas as publicações; e 4) os perfis que disponibilizaram esses conteúdos em suas páginas. Sendo assim, observamos que a não-linearidade, além de ser uma peculiaridade no método de construção de sentidos na etapa de leitura dos (hiper)textos em questão, também pode ser um preceito de elaboração do próprio *tweet* ou do *post* de *Facebook*. Entretanto, assim como vimos no parágrafo anterior, não podemos afirmar que a *não linearidade* é uma característica exclusiva de textos digitais, uma vez que, em qualquer texto (inclusive nos impressos), o sujeito tem a possibilidade de escolher como/por onde quer começar e terminar sua leitura e, também, sua produção.

Em quinto e último lugar, ao examinarmos as ocorrências de *intertextualidade infinita* – a inter-relação entre os textos potencializada pelo ambiente digital – em nosso *corpus*, sublinhamos que esse fenômeno pode ser apreciado, aqui, por meio de dois pontos principais. No *tweet* (figura 3), percebemos uma intertextualidade entre essa produção digital e um assunto previsto no conteúdo programático da disciplina escolar de “História”, o qual é bastante trabalhado na educação básica: a chegada dos bandeirantes ao Brasil e suas polêmicas ações frente à sociedade indígena que aqui vivia, bem como aos quilombos formados no longo período escravocrata normalizado em território nacional. Além disso, a intertextualidade fica ainda mais visível quando o nome do arquiteto e urbanista Nabil Bonduki é referenciado, haja vista que, em 2002, ele, que era vereador, propôs, na Câmara Municipal de São Paulo, um projeto de resolução que retirava uma homenagem aos bandeirantes que existe no interior do Palácio Anchieta, alegando que a referência exageradamente orgulhosa aos bandeirantes e gravemente ofensiva aos indígenas tem

origem em uma noção ultrapassada de história, como salienta o portal *Agência Senado*⁸. Já no *post* de *Facebook* (figura 4), a intertextualidade se revela entre as modalidades verbal e visual: o enunciado “Tá tudo bem, se você ainda não estiver preparado” se relaciona diretamente com a imagem da tartaruga preocupada, apavorada e colorida. Não por acaso, as cores que pigmentam o desenho da tartaruga são as que compõem a aquarela do arco-íris: essas também são as cores da bandeira LGBTQIA+. Assim, há uma relação intertextual de entranhamento, de produção verbo-visual de sentidos, que alude a uma questão cara às discussões sobre diversidade sexual e de gênero, qual seja: o processo de *coming out* de um sujeito LGBTQIA+.

Contudo, os pormenores encontrados na análise das duas características anteriores se repetem aqui: apesar de reconhecermos que fazer uso de texto(s) alheio(s) corrobora para que os objetivos interacionais do autor, sistematizados em qualquer produção textual virtual – a exemplo de um *tweet* e de um *post* de *Facebook* – sejam atingidos, e, conseqüentemente, sigam assegurando e (multi)facetando a concatenação de dizeres materializados em textos que dialogam entre si, não podemos confirmar que a *intertextualidade infinita* é exclusiva de textos digitais, haja vista que todo e qualquer texto possui ligação com outros (já) ditos, e isso independe de seu suporte de realização.

4. Conclusão

O objetivo deste artigo foi apresentar uma (re)discussão do(s) conceito(s) de hipertexto postulados por pesquisadores brasileiros. Com base em três perspectivas diferentes, realizamos a análise de um *tweet* e um *post* de *Facebook*, os quais classificamos como hipertextos.

A observação desses textos mostrou que, assim como defendido por Koch (2003) e Marcuschi (1999; 2010), em uma perspectiva, e por Coscarelli (2006; 2009) e Ribeiro (2006; 2018), em outra, o hipertexto é uma continuidade do texto impresso, visto que apresenta características já existentes há séculos nos materiais escritos. Ou seja, ao contrário do postulado por Xavier (2002; 2010; 2015), o texto digital não é uma grande ruptura na enunciação, pois a multimodalidade, os *links* que tornam

⁸ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/08/201cretirada-de-estatuas-deve-ser-acompanhada-de-debates-publicos-sobre-a-historia201d-diz-urbanista>. Acesso em: 27 nov. 2021.

um texto multilínea e a intertextualidade são aspectos intrínsecos a qualquer produção textual, seja ela manuscrita, impressa ou digital.

Apesar disso, há determinados fatores que o particularizam, o que torna necessária sua caracterização específica. Assim, destacamos que a virtualidade e a ubiquidade são características peculiares do hipertexto, que não aparecem no texto impresso. Devido à virtualidade, o hipertexto apresenta uma forma especial de multilinearidade, permitindo o acesso a outros textos por meio de um clique ou um toque – ou seja, seu manuseio difere do texto impresso. Além disso, ressaltamos que a multimodalidade, embora presente em todos os textos, é potencializada no hipertexto, que permite a integração de todas as semioses ao mesmo tempo, o que não ocasiona, entretanto, um novo modo de enunciação.

Por fim, reconhecemos que ainda são necessárias análises mais detalhadas e que considerem um *corpus* mais robusto – algo que pretendemos realizar em trabalhos futuros –, a fim de que haja uma caracterização mais detalhada do hipertexto e que as mudanças nas concepções desse conceito ao longo do tempo, devido à dinamicidade da internet e das práticas de linguagem, não sejam desconsideradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSCARELLI, Carla Viana. Os dons do hipertexto. *Littera*, v. 4, p. 7-19, Pedro Leopoldo, 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/carlacoscarelli/publicacoes/DonsDoHipertexto.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

COSCARELLI, Carla Viana. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 9, n. 3, p. 549-564, Palhoça, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/BQKxvwxwpBQPTDpynwmRnZkH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2020.

KOCH, Ingedore Vilaça. Texto e hipertexto. In: KOCH, Ingedore Vilaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 61-73.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e instrumentos linguísticos*, n. 3, p. 21-45, Campinas, jan./jun. 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: XAVIER, A.C.; MARCUSCHI, L.A. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-80.

RIBEIRO, Ana Elisa. Texto e leitura hipertextual: novos produtos, velhos processos. *Linguagem & Ensino*, v. 9, n. 2, p. 15-32, Pelotas, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15637>. Acesso em: 7 out. 2020.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Escrever, hoje*. São Paulo: Parábola, 2018.

XAVIER, Antonio Carlos. *Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_6ff57a071800bb0d15462fddd420e994. Acesso em: 26 nov. 2021.

_____. Leitura, texto e hipertexto. In: ____; MARCUSCHI, L.A. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207-220.

_____. Desafio do hipertexto e estratégias de sobrevivência do sujeito contemporâneo. *Estudos da Língua(gem)*, v. 13, n. 2, p. 73-90, Vitória da Conquista, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1302>. Acesso em: 10 ago. 2020.